

SOCIEDADE SAÚDE

Uma questão de vento

Sandro Sousa, de Alverca, tirou esta foto no dia 20 de outubro por estranhar a cor do fumo, e fez queixa à Agência Portuguesa do Ambiente. Não obteve resposta. A imagem serve para mostrar que as emissões vão no sentido norte-sul, na direção do Forte da Casa



Legionela

O estranho caso da **bactéria** assassina

O maior surto de legionela de sempre em Portugal – e um dos maiores do mundo – deixou a população alarmada. Como é que isto aconteceu?

POR **LUÍS RIBEIRO**, COM **ISABEL NERY**, **SARA SÁ** E **SÓNIA CALHEIROS** (TEXTOS)
E **MARCOS BORGIA** (FOTOS)

No Forte da Casa, uma dúzia de quilómetros a norte de Lisboa, só duas coisas se propagam mais depressa do que a legionela: o rumor e o medo. Na chuvosa e fria tarde de segunda-feira, 10, pelos 300 metros da Rua da Liberdade, as pessoas aninham-se debaixo de toldos e no interior de cafés e cabeleireiros a trocar suspeições e dicas de sobrevivência. Fala-se de uns estranhos testes a reatores de aviões que andaram a fazer recentemente no aeródromo militar de Alverca, e depois alvitra-se que o melhor

é não tomar banho de todo, não vá o bicho estar na água.

Contam-se espirros e indisposições em primeira e segunda-mão para se contabilizar gente infetada, e entre o diz-que-disse vai-se cozinhando com água engarrafada, para não engordar estatísticas – reais e imaginárias. Recorda-se o cheiro repugnante vindo das fábricas de químicos da zona, e que, alongando-se o pânico, rapidamente se confundirá com o cheiro de milhares de pessoas com medo de torneiras.

No meio de tanto disparo, algum tiro teria

de acertar. Na terça-feira, 11, pela hora de almoço, o ministro do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia apontou o dedo a uma fábrica de fertilizantes a 800 metros da Rua da Liberdade, uma das três empresas na área que já tinham sido obrigadas a desligar as torres de refrigeração: Jorge Moreira da Silva anunciou que seria realizada uma inspeção extraordinária nesse mesmo dia «para averiguação de eventual crime ambiental por libertação de micro-organismos para o meio ambiente», após análises positivas às instalações no sábado e no domingo.



ADP Fertilizantes

A fábrica entre Alverca e o Forte da Casa é apontada como estando na origem do surto

Por essa altura, o número de infetados continuava a aumentar. À hora de fecho desta edição, ia já nos 278, com cinco pessoas mortas e 38 nos cuidados intensivos, o que faz deste surto o quarto maior de sempre em todo o mundo.

No entanto, com as torres de refrigeração fechadas desde sábado, 8, é natural que o ritmo de novos casos abrande até parar totalmente daqui a poucos dias, atendendo ao período de incubação da doença (até dez dias). Aos poucos, com o tempo, as três freguesias afetadas – Vialonga, Póvoa de San-

A empresa poderá vir a ser responsabilizada criminalmente

ta Iria e Forte da Casa, do concelho de Vila Franca de Xira – voltarão à rotina de todos os dias. O pior já passou? Provavelmente. Mas o medo, passará? E haverá culpados?

'Deve ser legionela'

As televisões no restaurante Golfinho do Forte, na esquina da Rua da Liberdade com a Rua 25 de Abril (as duas artérias onde se diz haver mais doentes), passam as mesmas imagens que os comensais podem ver pela janela. Lá fora, jornalistas e câmaras de televisão acotovela-se para entrevistar populares ►

SOCIEDADE SAÚDE

Ventos de morte

Geografia de um surto que, em apenas 5 dias, matou 5 pessoas, fez quase três centenas de infetados e chegou a três países.



João Manito
Quando chegou ao hospital, encontrou «cinco ou seis» vizinhos com os mesmos sintomas; voltou para casa com um diagnóstico positivo e antibióticos para tomar



► e filmar planos exteriores das lojas, tascas e o supermercado local, que esgotou os 2 200 litros de água que tinha nas prateleiras e no armazém entre a tarde de sábado e a manhã de domingo (apesar de as autoridades de saúde repetirem que a bactéria não se transmite pela ingestão). Sentados à mesma mesa, de frente para um ecrã, estão dois homens a comer costeletas de novilho, visivelmente divertidos com a atenção que este pedaço de um pobre subúrbio de Lisboa goza por estes dias, ainda que não pelos motivos mais saudáveis. «Conhecia duas pessoas que morreram: a senhora acamada e o senhor Costa,

que até era meu cliente», conta Paulo Fernandes, 47 anos, dono do talho Preço Mini e Qualidade, 50 metros ao lado do Golfinho do Forte. «Dizem que só nesta rua há 13 casos», acrescenta. O companheiro de refeição mete

O estado de deterioração da fábrica alertou os inspetores

a sua colher. «Há uma mulher no meu prédio que está cheia de tosse. Deve ser legionela», sentencia João Nunes, 65 anos. Aqui, tudo passou a ser legionela. Antes assim. É melhor pensar o pior e perder uma tarde no hospital do que morrer de otimismo. Foi por isso que Paulo decidiu desligar o termoacumulador do talho, e é pela mesma razão que João toma duchas de água fria, ignorando que a temperatura da água não influencia a formação de aerossóis contaminados.

Umhas mesas ao lado, João Manito, 25 anos, condutor de empilhadoras, culpa precisamente o seu gosto por duchas muito quentes por ter ido parar ao hospital na sexta-feira, 7 – e este caso sim, daria positivo à bactéria. «Passei a noite anterior com falta de ar. Fui ao hospital de Vila Franca de manhã e encontrei lá mais cinco ou seis pessoas do Forte da Casa. À tarde, mandaram-me embora, com antibióticos para tomar.» João garante que não lhe fizeram nenhum inquérito, uma das ferramentas essenciais para descobrir a origem do surto (perguntando às pessoas as rotinas dos dez dias anteriores, o que ajudou, em poucas horas, a descartar a hipótese de o foco de contaminação ser um centro comercial ou um ginásio). Graça Freitas, subdiretora-geral da Saúde, admite que nem todos os doentes responderam ao questionário, mas avança que alguns poderiam vir a ser inquiridos mais tarde.

Falam os doentes

Desde que o surto invadiu o Hospital de Vila Franca de Xira que os funcionários não têm mãos a medir com o corruio, ora para as urgências ora para as visitas, incluindo na Unidade de Cuidados Intensivos, onde estão 16 dos 38 casos graves.

Já passa das cinco da tarde de segunda-feira, 10, quando Maria João chega para visitar Teresa, amiga e colega de trabalho, internada desde quinta-feira, 6, com legionela. Intensas dores musculares, febre alta e vômitos levaram a funcionária do tribunal de Vila Franca, 54 anos, ao seu médico de família, de onde saiu diretamente para as urgências. «No sábado, tive de lhe dar comida à boca. Agora já se senta sozinha e começa a ter apetite», conta Maria João à saída da visita. Após uma nova leva de exames, feita esta terça-feira, Teresa saberá quando irá para casa, na Rua Padre Américo, a 400 metros da Rua da Liberdade, no Forte da Casa.

Com os elevadores do hospital avariados, Maria Antónia Marques e Andreia Marques, mãe e filha, têm de esperar alguns minutos



SOCIEDADE SAÚDE



Maria Antónia Marques e Andreia Marques

Mulher e filha vieram visitar Fernando, internado com legionela, há cinco dias, no Hospital de Vila Franca de Xira

para subir até ao terceiro piso. À sua espera está Fernando, 60 anos, que começou a sentir-se doente no dia 1 de novembro. As tonturas, os vômitos, as dores no corpo e os 39,5° de febre levaram-no a ligar para a linha Saúde 24 (808242424). Sugeriram-lhe paracetamol, tomando o problema por constipação. Passados quatro dias sem melhoras, foi à urgência do hospital, onde ficou internado com uma infeção nos rins e na bexiga. Na quinta-feira, 6, uma segunda avaliação do quadro clínico acrescentou uma broncopneumonia que

evoluiu para uma pneumonia grave ao fim do dia de sexta-feira. No sábado, 8 confirmou-se a infeção pela bactéria. Desde aí, foi-lhe adicionado o antibiótico levofloxacina no balão de soro (a maioria dos doentes recupera rapidamente, dada a grande sensibilidade desta estirpe de legionela aos tratamentos). «Em casa, começámos a ter precauções com o duche, mas só porque vimos na televisão. Aqui no hospital nunca nos explicaram os cuidados a ter», diz Andreia. Ao telefone, o sexagenário reformado da Marinha, com problemas

de coração e diabetes, descreve o seu pacato dia a dia, que começa quase sempre com um passeio, de quase uma hora, na Póvoa de Santa Iria, onde mora e tem uma horta – não longe da fábrica de químicos da Solvay, a certa altura um dos suspeitos da origem da infeção. Sabe-se agora que a mais provável fonte se encontrava dois quilómetros a norte.

Trabalho de detetive

Apesar de um dos primeiros passos ter sido aumentar os níveis de cloro na rede públi- ►



SOCIEDADE SAÚDE



O outro suspeito A fábrica da Solvay era uma das hipóteses para fonte do surto; Dinis Santos, dono de um café próximo, diz viver com medo por causa disso



ca de água, quase desde o início do surto as atenções viraram-se para três fábricas – Solvay, Central de Cervejas e ADP Fertilizantes –, ordenando-se o encerramento das suas torres de refrigeração, por precaução. Entretanto, enquanto esperavam os resultados às análises, dezenas de técnicos da Direção-Geral da Saúde, do Instituto Nacional de Saúde (INSA) e do Ministério do Ambiente continuaram a colher amostras da expetoração dos doentes e de água nas casas afetadas. O material seguiu para análise no INSA, onde

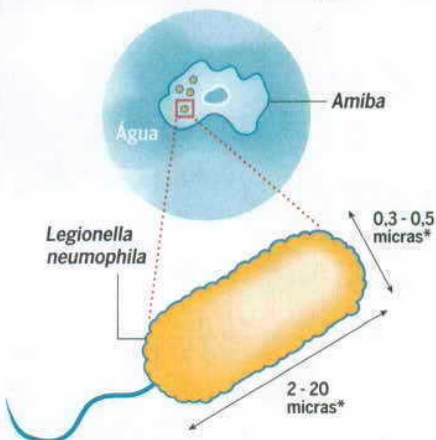
se tentava encontrar duas bactérias da mesma estirpe: no doente e na amostra de água.

Na segunda-feira, 10, foi tornado público que haviam sido encontrados vestígios de legionela na Solvay, junto à estação de comboios da Póvoa de Santa Iria. Mas, aparentemente, as baixas concentrações não explicavam um surto destas dimensões. Além disso, a fábrica situa-se praticamente no extremo sul da área afetada, e os ventos dominantes na região sopram de norte. Não fazia sentido.

No dia seguinte, as peças do puzzle encaixavam.

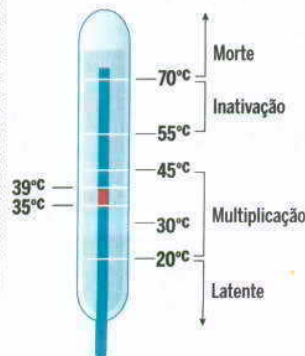
A ADP Fertilizantes, entre Alverca e o Forte da Casa, e a 800 metros a norte da Rua da Liberdade, era dada como fonte do surto. Não só pelas duas análises positivas às instalações – a VISÃO sabe que as condições do interior da própria fábrica já haviam atraído o olhar dos investigadores. Uma pessoa que conhece bem o local descreveu uma tal corrosão provocada pelo amoníaco que os ferros do betão armado dos pilares escorrem ferrugem pelas paredes, através das centenas de rachas bem visíveis. Talvez mais relevan-

O circuito da legionela

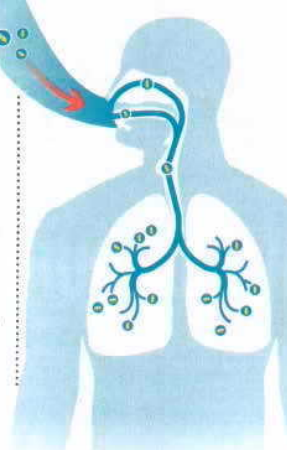


1 Há pelo menos 48 espécies de legionela – com gravidade diferente. Esta bactéria arredondada é um parasita das amibas que vivem em águas paradas, pelo que pode ser encontrada em torres de arrefecimento e condensadores, piscinas, canalizações, reservatórios de água

2 A temperatura ótima para a reprodução da bactéria está entre os 15 e os 43 graus – com um máximo entre os 35 e os 39



3 O contágio ocorre pela inalação de aerossóis, pequenas gotículas que viajam pelo ar. Para que se formem, é preciso que a água esteja sob pressão



PERFIL DE RISCO

- Homens com mais de 50 anos
- Fumadores
- Pessoas com doença respiratória crónica
- Transplantados e pessoas que fazem terapia com corticoides

CAUSA DOIS TIPOS DE DOENÇA

- A febre de Pontiac: 2 a 6 dias de duração, incubação de 1 a 7. Síndrome febril ligeira, de evolução benigna
- Doença do legionário: pneumonia grave, com mortalidade de 15%. Pode deixar sequelas

*1 000 micras = 1 milímetro



SOCIEDADE SAÚDE



Manuel Mendes O dono de uma croissantaria da Rua da Liberdade queixa-se do cheiro que vem das fábricas da região



Luís Silva A mulher, Maria Lúcia, tinha vários sintomas, mas os exames revelaram-se negativos. Ainda assim, Luís desconfia que ela tem legionela

► te, outra fonte, que trabalhou muitos anos na empresa, refere que a fábrica deixou de usar água da companhia para passar a explorar um furo próprio, com água não tratada.

Crime ambiental

A provarem-se as suspeitas de que o foco de infeção teve origem na fábrica de fertilizantes, prevê-se o início de um processo jurídico inédito em Portugal. Primeiro, porque pode vir a estabelecer-se nexos de causalidade entre as possíveis falhas de manutenção e as consequências para a saúde pública, o que é difícil nos crimes ambientais. Segundo, porque o número de vítimas é também excepcional (em média, há apenas 100 infetados pela bactéria, por ano, em todo o País).

Ana Cristina Figueiredo, jurista da Quercus, defende que «poderá considerar-se um crime ambiental, designadamente o de poluição com perigo comum, a que corresponde pena de prisão de um a oito anos, no caso de conduta dolosa, ou até cinco anos, no caso de negligência». Além disso, a lei prevê ainda «medidas sancionatórias, como a interdição de atividade ou coima até 2,5 milhões de euros». Se o caso chegar a este ponto, Ana Cristina Figueiredo reconhece que será inédito. «Com aparente nexos de causa-efeito, e desta envergadura, não tenho conhecimento de situações semelhantes em Portugal.»

Em Espanha, uma infeção por legionela, em 2009, obrigou alguns funcionários e o diretor de um hotel de Sevilha a responderem por homicídio por negligência. O foco nas torres de refrigeração levou à morte de cinco pessoas, mas o processo corre ainda em tribunal. Nestes casos, alerta Sérgio Deodato, professor de Direito da Saúde, é essencial «o apuramento das responsabilidades face ao foco de infeção – foram cumpridas as boas



João Nunes e Paulo Fernandes Os dois amigos mostram-se animados com a atenção mediática que o bairro tem tido, mas tentam tomar precauções

práticas, houve alguma intimação a impor normas ignoradas?» João Medeiros, advogado do escritório PLMJ, com vários casos de negligência médica no currículo, recorda que «é preciso apurar a razão de ser da disseminação e se há uma entidade que devia fazer a verificação». Só depois de identificados os responsáveis poderá haver «acusação de homicídio involuntário ou ofensas corporais». Sendo um processo-crime, correria também no cível, ou seja, «os lesados ou familiares têm direito a pedir indemnizações».

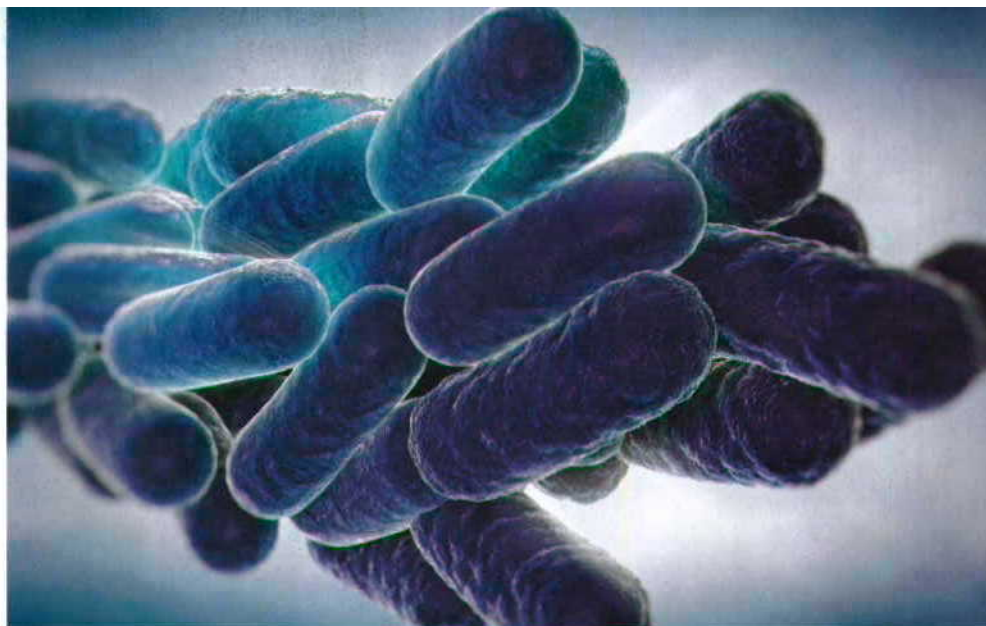
Apesar de as atenções estarem viradas para a ADP, o processo pode complicar-se caso se considere importante haver um vazio legal

na fiscalização da qualidade do ar. «Até 1 de novembro de 2013, tínhamos um decreto-lei que obrigava peritos a fazer análises para despiste de legionela, fungos e radão, entre outros. Neste momento, não há nada», critica Fernando Brito, presidente da Associação Portuguesa de Ar Condicionado. A lei até existe, mas é letra inerte: «Aguardamos há um ano pela regulamentação, o que é uma forma engraçada de não aplicar a lei», ironiza o engenheiro, que garante ter «enviado um comunicado à tutela em abril, alertando para situações de não controlo da legionela». Ao aviso, «nem nos responderam». Esta lacuna pode ter outras implicações: «Se se provar que por inércia houve vazio legislativo, o Estado pode ser responsabilizado. No caso Aquaparque, foi o único condenado por não ter transposto uma diretiva comunitária», lembra o advogado João Medeiros.

Uma coisa é certa: num caso com esta complexidade, esperam-nos anos de investigações e julgamentos. E não há garantia de que a culpa não venha a morrer solteira. Ou talvez venha a ter tantos culpados que ninguém poderá ser responsabilizado pela morte de, pelo menos, cinco pessoas e a infeção de centenas – além de terem deixado milhares de pessoas receando o ar que respiram e a água que bebem. Na Rua da Liberdade, resolvido o surto, o mais difícil será libertarem-se do medo. ▀



Francisco George O diretor-geral da Saúde esteve na fábrica de adubos para tranquilizar os seus 416 funcionários



72 | Devemos ter medo da legionela?

Tudo o que precisa de saber sobre a doença que originou uma das maiores crises de saúde pública em Portugal e como se investiga a origem do surto nos sistemas de refrigeração industriais e na rede de água de Vila Franca de Xira